O PERCEBER NA IMAGEM E NA IMAGINAÇÃO

Luís Fernando Ferreira de Araújo[1]

RESUMO
A razão deste texto é motivar o leitor, expondo a ele a diversidade da representação da imagem, da imaginação e do imaginário em sua vida por meio do perceber. O objetivo deste artigo é mostrar a importância do perceber na imagem e na imaginação das pessoas. A metodologia foi elaborada por meio de livros, sites, revistas e cenas de telenovelas. Este artigo contribui para que as pessoas percebam a representação dos meios de comunicação em suas vidas e também as imagens.
Palavras-chave: imagem. Imaginação. Imaginário. Receptor. Diversidade e vida.

ABSTRACT
The purpose of this text is to motivate the reader, and show him/her the diversity of representation of image, imagination and imaginariness in his/her life through perception. The goal of this article is to show the importance of perception in people's image and imagination. The methodology was elaborated through books, sites, magazines and soap opera scenes. The contribution of this article is to make people understand the role of means of communication and images in their lives.
KEY WORDS: image. Imagination. Imaginary. Receiver. Diversity and life.

INTRODUÇÃO

Criar é construir algo novo. Esse novo é a capacidade do indivíduo de demonstrar para a realidade a sua experiência em poder fazer. A criação surge em um estado de tensão, desejo, sentimento de alegria ou tristeza. É o intelecto ressurgindo, caminhando para desenvolver uma ação. A reflexão sobre o ato de criar representa para o indivíduo uma liberdade, um processo de compreensão que o leva para um crescimento da vida. O homem cria uma ideia e coloca no papel por meio da escrita, do desenho ou em um objeto como produto de sua própria criação. Este artigo tem como objetivo de motivar o leitor a refletir sobre a percepção do mundo que o cerca e o lado imaginário de sua vida.

Para Imagem é uma representação mental de um objeto. Quando, por exemplo, ouço a palavra paisagem mentalmente visualizo um prado, cercado de eucalipto que me fazem sentir o perfume de suas folhas, pássaros voando e o som de sua revoada. Essa imagem mental comporta

[1] Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura. Professor de Língua Portuguesa em Ensino Superior, há 23 anos.

também o afetivo e o imaginário. O afetivo que acompanha o sentir prazeroso e tranquilo. A imagem é um elo entre o homem e o que está no mundo material. Imaginário é a capacidade que temos para fazer variações nas imagens que construímos do mundo que habitamos. Diariamente, é renovamos e realimentamos o nosso imaginário, enriquecemos nossas vidas e seu sentido. A imaginação sobre uma paisagem é relacionar com a imagem da paisagem percebida outras variações de cores, sons, odores, que ainda não pertenciam à paisagem do mundo material conhecido. Por meio da imaginação se abre para nós um campo de possibilidades.

> O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenho, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais (SANTAELLA E NOTH, 1988, p.15).

Essa unificação dos dois domínios chama-se de signo, ou seja, é tudo aquilo que representa algo para alguém. Representar se define no sentido de dizer algo para alguém, por exemplo, a pintura é uma mediação do signo que é produzida pelo receptor. A sua interpretação fica a cargo do signo e ao mesmo tempo produz nele um outro signo, por meio da representação e dos indícios de sua leitura.

> As imagens, quando construções mentais fazem uma espécie de contraponto à prática da vida. São uns tipos de porta para outra dimensão, a dos sonhos, dos desejos, das fantasias. É uma dimensão que não está diretamente presente na vida das pessoas, mas tem a ver com suas ideias e aspirações. É tão ou mais importante que a dimensão do dia-a-dia, já que enquanto essa vivência concreta do trabalho, do contato com outras pessoas, do lazer, das férias, da escola está marcada pelo agir regular, repetitivo, continuado, portanto mecânico de vida, a dimensão das imagens está ligada ao sentido do futuro, da criação, das buscas, daquilo que dá o élan à vida, aquilo que dá impulso para as pessoas irem à frente, batalharem, avançarem (2002, BAUER apud, MARCONDES, 2000, p.8)

O real, para o homem, é aquilo que é vivido, uma atividade exercida no mundo que habita regularmente, repetitiva ou não e cotidiana ou não, mas ele sonha com outra perspectiva de melhora, e para que isso aconteça, ele usa a imaginação para ir além do mundo real. Por meio dela, ele constrói outras imagens, um mundo totalmente simbólico para uma integração de seus anseios. Enquanto à sua volta, ele vê agitação, nas ruas, barulhos, congestionamentos, fumaças, mendigos, crianças abandonadas, ele tem a imaginação, como forma de auxiliá-lo a viajar, num mundo de

sonhos e fantasias. Tomamos como exemplo, no anúncio do Nescafé, com o slogal *"Eta cafezinho bom"*, a imagem da fotografia da fumaça provoca e aguça o aroma do café. Este anúncio teve a intenção de possibilitar a imaginação do produto, como se estivéssemos tomando o cafezinho. Ao vê-la, deixamos o real para trás e começamos a viajar na imaginação, que nos foi provocada, pela fotografia do cafezinho.

Para Muniz Sodré (1987, p.8), "a imagem opera mutações, na estrutura psíquica e nos modos de percepção do indivíduo contemporâneo".

A televisão ilustra o que afirma Muniz Sodré. Ela tem uma relação de contato com o indivíduo, por meio da imagem, provocando e, ao mesmo tempo, desenvolvendo o imaginario e de tal forma, que o transporta a um mundo totalmente diferente do seu. Outros recursos além das imagens auxiliam e desenvolvem esse processo, como: sons, músicas, diálogos e até textos escritos e cada vez mais os efeitos tecnológicos.

No texto, podemos visualizar a imagem, formada na consciência do leitor, pois ele produz o seu imaginário em cima dela, palavra escrita, que recria luzes, cores, imagens, sensações, sons, tudo no silêncio da imaginação da realidade da leitura, aberta à participação. Por exemplo, o texto "O Guarani" de José de Alencar.

> No pequeno jardim da casa do Paquequer, uma linda moça se balançava indolentemente numa rede de palha presa aos ramos de uma acácia silvestre, que estremecendo deixava cair algumas de suas flores miúdas e perfumadas. Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas. Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor de gardenia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez, alva e pura como um foco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas. O seu trajo era do gosto mais mimoso e mais original que é possível conceber; mistura de luxo e de simplicidade. Tinha sobre o vestido branco de cassa um ligeiro saiote de rico azul apanhado na cintura por um broche; uma espécie de arminho cor de pérola, feito com a penugem macia de certas aves, orlava o talho e as mangas, fazendo realçar a alvura de seus ombos e o harmonioso contorno de seu braço arqueado sobre o seio. Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caiam em volta do pescoço presos por uma presilha finíssima de fios de palha cor de ouro, feita com uma arte e perfeição admiráveis. A mãozinha afilada brincava com um ramo de acácia que se curvava carregado de flores, e ao qual de vez em quando se segurava para imprimir à rede uma doce oscilação. Esta moça era Cecília.

O autor transfigura o real, e mostra uma mulher idealizada por meio das palavras. As imagens da descrição de Cecília compõem o texto e possibilitam ao leitor montar e criar nas palavras uma

fantasia, que tornam a mulher intocável, desejável. Ao construir a imagem da heroína Cecília, o autor criou qualidades e atributos idealizados e tudo se metamorfoseia numa nova "realidade" de sonho, encanto e beleza, que a palavra produziu, num efeito de sentido. Na palavra, o efeito de realidade, será produzido de uma descrição de detalhes, por meio deles ficam registrados no texto as marcas do real, que as palavras despertam no imaginário do leitor. Neste caso, a palavra sugere imagens, para que o leitor possa sair do campo abstrato das palavras, isto é, o autor não desenha Ceci, mas sugere o rosto, olhos, cabelos e o corpo, com descrições mais sugestivas da personagem. No texto, a palavra nos possibilitou criar sentimentos, emoções e ilusão para que possamos formar imagens mentais da personagem Ceci.

Trem das Cores (Caetano Veloso)
A franja na encosta
Cor de laranja
Capim rosa chá
O mel desses olhos luz
Mel de cor ímpar
O ouro ainda não bem verde da serra
A prata do trem
A lua e a estrela
Anel de turquesa
Os átomos todos dançam
Madruga
Reluz neblina
Crianças cor de romã
Entram no vagão
O oliva da nuvem chumbo
Ficando
Pra trás da manhã
E a seda azul do papel
Que envolve a maçã
As casas tão verde e rosa
Que vão passando ao nos ver passar
Os dois lados da janela
E aquela num tom de azul
Quase inexistente, azul que não há
Azul que é pura memória de algum lugar
Teu cabelo preto
Explícito objeto
Castanhos lábios
Ou pra ser exato
Lábios cor de açaí
E aqui, trem das cores
Sábios projetos:
Tocar na central

E o céu de um azul
Celeste celestial (http://letras.terra.com.br>acesso em 02.05.10 às 10h)

No poema Trem das cores, o poeta se movimenta para descrever seu objeto que é a paisagem por meio do trem, possibilitando ao leitor criar imagens pelas palavras. Essas imagens são percebidas pelo leitor pela sua consciência, pelos sentidos e principalmente pela sua imaginação criadora que é provocada pelo poeta. O poeta utiliza a percepção que é a seleção de estímulos por meio da atenção, para que o leitor perceba seu objeto.

Na televisão, a imagem está pronta, mas ela seduz o telespectador a produzir e dinamizar o seu imaginário, num ritmo muito rápido e ultra-acelerado. A televisão exerce o poder de nos remeter a uma infinidade de imagens, estimula a imaginação, possibilita a materialização de sentimentos, movimentos e ações que se deseja realizar, ou sugestiona o que não supúnhamos na solução de conflitos emocionais. Na imagem do último capítulo da telenovela *Paraíso* de Benedito Ruy Barbosa, exibida no horário das 18h na Rede Globo em 2009, em que a personagem Maria Rita foge para ir ao encontro de seu amado Zeca, percebemos que há códigos de interação com o telespectador, por meio de cenário, figurino, trilha sonora, gestos, expressões faciais de acordo com a cena do encontro do casal. A câmera dentro de sua objetividade tem a função da visão, mas não podemos esquecer que há alguém por trás dela, selecionando as imagens para que possamos visualizar aquilo que foi montado por este olhar cinematográfico, dentro da rapidez que a imagem provoca nos telespectadores.

No rádio, a manifestação está no som, o ouvinte ao ouvir se predispõe a imaginar e participar de sua composição. Na fotografia, o espectador tem que visualizar, por meio de sentimentos, imaginar o que a imagem está tentando passar. Esta tarefa, de interpretar a imagem fotográfica varia de indivíduo para indivíduo, pois cada um pode dar diferentes significados a uma mesma imagem fotográfica. A fotografia está em nossas vidas em qualquer momento, lugar e tempo por meio de um papel.

Você, leitor, vai ler e interpretar este artigo, por meio da linguagem em um processo de geração de palavras. As palavras levam-no ao mundo imaginário das ideias e também à construção da imagem, Você, é o nosso convidado para uma viagem, uma viagem que chamamos *perceber*, por isso, você fará uma leitura interpretativa recriada por você mesmo, usando sua percepção por meio de sua atenção.

É impossível viver sem as imagens visuais, tais como: pinturas, desenhos, fotografias e também a do cinema e da televisão, pois sem elas o mundo estaria impossibilitado de uma aproximação e uma identificação com a fantasia. Portanto, a vida seria insuportável, se o homem não tivesse em sua mente a imaginação, para sonhar com uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. O guarani. São Paulo: Ática, 1996.

BAUER, Carlos. Sobre televisão: reflexões históricas. **Revista Cenários da Comunicação**. Vol.1. n.1. set/02, pp.28-41.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1996.

FRANCKOWIAK, Irene Tiski. **Homem, comunicação e cor**. 2.ed. São Paulo: Ícone, 1991.

FRANÇA, Maria Inês. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARCONDES, Ciro Filho. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cocac& Naify, 2004.

SANTAELLA, Lúcia e NOTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SODRÉ, Muniz. **Televisão e psicanálise**. São Paulo: Ática, 1987.

http://letras.terra.com.br>acesso em 02.05.10 às 10h.